

# A PÁGINA

*Eu escrevo para me percorrer*  
Henri Michaux

1

Eu escrevo...

Eu escrevo: eu escrevo...  
Eu escrevo: "eu escrevo..."  
Eu escrevo que escrevo...  
etc.

Eu escrevo: traço palavras em uma página.

Letra a letra, um texto se forma, se afirma, se firma, se fixa, se imobiliza:

Uma linha estritamente h  
o  
r  
i  
z  
o  
n  
t  
a  
l

Se deposita

Sobre a folha branca, mancha o espaço virgem, dá-lhe um sentido, vetoriza-o:  
da esquerda para a direita

d  
e

a  
l  
t  
o

a

b  
a  
i  
x  
o

Antes, não havia nada, ou quase nada; depois não há grande coisa, alguns signos, mas que bastam para que haja um acima e um abaixo, um começo e um fim, uma direita e uma esquerda, uma frente e um verso.

2

O espaço de uma folha de papel (modelo regulamentar internacional, em uso nas Administrações, à venda em todas as papelarias) mede 623,7 cm<sup>2</sup>. É preciso escrever um pouco mais de 16 páginas para ocupar um metro quadrado. Supondo que o formato médio de um livro seja de 21 x 29,7 cm, poder-se-ia, desfolhando todas as obras impressas conservadas na Biblioteca Nacional e espalhando cuidadosamente as folhas umas ao lado das outras, cobrir totalmente a ilha de Santa Helena ou o lago Trasimeno.

Poder-se-ia calcular também o número de hectares de florestas que foi preciso destruir para produzir o papel necessário à impressão das obras de Alexandre Dumas (pai) que, lembremo-nos, fez construir uma torre cujas pedras, cada uma delas, continha gravado o título de um de seus livros.

3

Eu escrevo: eu habito minha folha de papel, eu a invisto, eu a percorro.

Eu suscito *brancos, espaços* (saltos no sentido: descontinuidades, passagens, transições).

Eu escrevo  
na  
margem...

Eu vou

para nova linha. Eu escrevo uma nota de rodapé<sup>1</sup>.

Eu mudo de folha.

4

Há poucos acontecimentos que não deixam ao menos um traço escrito. Quase tudo, em certo momento, passa para uma folha de papel, uma página de caderneta, uma folhinha de agenda ou qualquer outro suporte que surja ao acaso (um ticket de metrô, uma margem de jornal, um maço de cigarros, o verso de um envelope, etc.) sobre o qual se inscreve, com uma velocidade variável e de acordo com diferentes técnicas segundo o lugar, a hora ou o humor, um ou outro dos diversos elementos que compõem o ordinário da vida: isso ocorre, no que me diz respeito (mas seguramente sou um exemplo muito bem escolhido, já que uma de minhas atividades principais é justamente escrever), com um endereço anotado no vôle, um encontro anotado às pressas, o canhoto de um cheque, um envelope ou um maço de cigarros, na redação laboriosa de uma carta administrativa, no preenchimento fastidioso de um formulário (declaração de imposto,

---

<sup>1</sup> Eu gosto muito das notas de rodapé, ainda que eu não tenha nada de particular para esclarecer.

formulário de solicitação de reembolso médico, pedido de pagamento automático das contas de gás e de eletricidade, formulário de assinatura de revistas ou jornais, contrato, arrendamento, herança, recibo, etc), na lista de compras a fazer com urgência (café, açúcar, serragem para o gato, livro Baudrillard, lâmpada de 75watts, pilhas, roupa, etc.), na resolução às vezes bem difícil das palavras cruzadas de Robert Scipion, na cópia de um texto finalmente passado a limpo, notas tomadas em uma conferência qualquer no rabisco instantâneo de uma coisa que pode servir (um jogo de palavras, uma jogada de palavras, um jogo de letras, ou aquilo que chamamos comumente de “idéia”), de um “trabalho” literário (escrever, sim, sentar-se à mesa e escrever, pôr diante de si sua máquina de escrever e escrever, escrever durante todo o dia, ou durante toda a noite, esboçar um plano, pôr grandes I e pequenos a, fazer esboços, pôr uma palavra ao lado da outra, olhar em um dicionário, recopiar, reler, rasurar, jogar no lixo, reescrever, classificar, encontrar, esperar que algo venha em mente, tentar arrancar de alguma coisa que terá sempre ares de ser garatujas inconsistentes algo que parecerá com um texto, conseguir, não conseguir, sorrir (às vezes), etc.) em um trabalho tal qual (sem nenhuma palavra a mais (elementar, alimentar): marcar, em uma revista que fornece, na área das ciências da vida (life sciences), o sumário de quase todas as outras, os títulos capazes de interessar aos pesquisadores dos quais devo assegurar a documentação bibliográfica, redigir fichas, reunir referências, corrigir as provas, etc.

Et cætera.

5

O espaço começa assim, somente com palavras, signos traçados sobre a página branca. Descrever o espaço: nomeá-lo, traçá-lo, como esses confeccionadores de portulanos que saturavam as costas com nomes de portos, cabos, enseadas, até que a terra acabasse não sendo mais separada do mar que por uma tira contínua de texto. O *aleph*, esse lugar borgiano onde o mundo inteiro é simultaneamente visível, é outra coisa que não um alfabeto?

Espaço inventário, espaço inventado: o espaço começa com esse mapa modelo que nas edições antigas do Petit Larousse Ilustrado representava, sobre 60cm<sup>2</sup>, algo como 65 termos geográficos, miraculosamente agrupados, deliberadamente abstratos: eis o deserto, com seu oásis, seu curso de água, seu arroio, eis a fonte e o riacho, a torrente, a ribeira, o canal, o confluente, o rio, o estuário, a embocadura e o delta, eis o mar e suas ilhas, seu arquipélago, suas ilhotas, seus recifes, seus escolhos, seus rochedos, sua faixa litorânea, e eis o estreito, o istmo, e a península, a angra, a barra, o golfo e a baía, e o cabo e a enseada, o braço de terra, o promontório, um pedaço do continente que avança em direção ao mar, eis a laguna e a falésia, eis as dunas, eis a praia, as lagoas, os pântanos, os lagos, as montanhas, o pico, a geleira, o vulcão, o contraforte, a encosta, a garganta, o desfiladeiro, eis a planície, e o planalto, e a vertente, e a colina; eis a cidade e as radas, e seu porto, e seu farol...

Simulacro de espaço, simples pretexto para nomenclatura: mas nem é mesmo necessário fechar os olhos para que esse espaço suscitado pelas palavras, este único espaço de dicionário, este único espaço de papel, se anime, se povoe, se preencha: um longo trem de mercadorias puxado por uma locomotiva à vapor passe por sobre um viaduto; embarcações carregadas de cascalhos singram os canais; pequenos veleiros manobram sobre o lago; um grande transatlântico escoltado por rebocadores penetra na rada; crianças brincam de bola na praia; nas alamedas umbrosas do Oasis, um Árabe usando um grande chapéu de palha trotando em seu burrico.

As ruas das cidades estão cheias de automóveis. Uma dona de casa com um turbante bate um tapete em sua janela. Nos jardinzinhos da periferia, dezenas de viveiristas podam árvores frutíferas. Um destacamento militar apresenta as armas enquanto um oficial envolvido por uma faixa tricolor inaugura a estátua de um general.

Há vacas nas pradarias, viticultores nas vinhas, lenhadores nas florestas, cordas de alpinistas nas montanhas. Há um carteiro de bicicleta que sobe sofrivelmente uma pequena estrada sinuosa. Há lavadeiras às margens do rio, e cantoneiros às margens dos caminhos, e as colonas que dão de comer às galinhas. Há crianças que saem duas a duas em fila no pátio da escola. Há uma grande casa *fin de siècle* em meio aos prédios de vidro. Há pequenas cortinas de estampa vichi nas janelas, consumidores nos terraços dos cafés, um gato que se aquece ao sol, uma senhora carregada de pacotes que chama um táxi, um sentinela que monta guarda diante de um prédio público. Há varredores de rua que enchem as caminhonetes, rebocadores de fachadas que instalam um andaime. Há amas de leite nos jardins, livreiros ao longo do cais; há fila diante de uma padaria, há um senhor que leva seu cachorro para passear, um outro que lê seu jornal sentado em um banco, um outro que olha os operários que demolem um quarteirão. Há um guarda municipal que organiza o trânsito. Há pássaros nas árvores, marinheiros no rio, pescadores às margens das ribanceiras. Há uma armarinheira que levanta a cortina de ferro de sua loja. Há mercadores de castanhas, bombeiros hidráulicos, vendedores de jornais. Há pessoas que fazem suas compras.

Os leitores estudiosos lêem nas bibliotecas. Os professores ministram suas aulas. Os estudantes tomam notas. Os contadores alinham as colunas de cifras. Os aprendizes de pasteleiros cobrem com creme manteiga fileiras de pequenas fartes. Os pianistas executam suas escalas. Sentados em suas mesas, meditativos e concentrados, os escritores alinham as palavras.

Imagem de Épinal<sup>2</sup>. Espaço tranquilizante.

\* \* \*

---

<sup>2</sup> Cidade situada no nordeste da França.